



MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. **Formas de tratamento na história do português: composicionalidade pronominal e concordância verbal.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 14, Dezembro 2013. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

FORMAS DE TRATAMENTO NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS: COMPOSICIONALIDADE PRONOMINAL E CONCORDÂNCIA VERBAL¹

Leonardo Lennertz Marcotulio (UFRJ)²

RESUMO

Na história do português, é possível observar uma série de mudanças no quadro das formas pronominais de tratamento da 2ª pessoa do singular (2 SG) que pode ser correlacionada aos padrões de concordância verbal encontrados nas distintas gramáticas do português. No português arcaico, observa-se, como herança latina, a coexistência de dois pronomes de 2 SG. De um lado, o pronome *Tu* é encontrado com verbos na 2 SG e, de outro, o pronome de cortesia *Vós* ocorre com verbos na 2 PL. O português médio conserva as duas formas pronominais do período anterior e acrescenta uma nova forma pronominal de 2 SG, *Vossa Mercê*, resultante do processo de gramaticalização do sintagma possessivo *vossa mercê*. Essa nova forma gramaticalizada apresenta distintos padrões de concordância verbal: 2 PL e 3 SG. O estágio seguinte, português europeu (PE), mantém a 2 SG original *Tu*, que coexiste com a forma *Você*, apresentando verbos na 2 SG e 3 SG, respectivamente. Por fim, o português brasileiro apresenta a mesma gramática do PE e acrescenta, também, em seu período de formação, outros dois padrões de concordância verbal: *Tu* com verbos na 3 SG, padrão que se tornará produtivo no PB atual; e *Você* com verbos que apresentam morfologia de 2 SG. Nesse panorama descrito, o objetivo deste trabalho é discutir, a partir de um quadro teórico formal (CHOMSKY, 1995; 2000; KROCH, 1989; HARLEY; RITTER, 2002; DUARTE *et al*, 2002; LOPES; RUMEU, 2007; BÉJAR, 2008), como a composicionalidade dos pronomes de 2 SG, ao longo da história do português, pode ser correlacionada aos padrões de concordância verbal encontrados. Levando-se em consideração questões de natureza pragmática, defendo a existência de duas configurações pronominais distintas no português capazes de gerar todos os padrões encontrados. A partir da discussão teórica dos padrões de concordância verbal identificados, a cortesia pode ser codificada como uma categoria gramatical à qual a operação sintática de concordância é sensível.

1. Este artigo sintetiza alguns resultados da Tese de Doutorado intitulada *Vossa Mercê bem sabe de onde viestes: um caso de gramaticalização na história do português*, que foi contemplada com o Prêmio Gilberto Velho (UFRJ-2013) das melhores teses defendidas ao longo de 2012.

2. Professor Adjunto de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro; leonardo.marcotulio@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: formas de tratamento; composicionalidade pronominal; traços-phi; concordância verbal; história do português.

RESUMEN

En la historia del portugués, se observa una serie de cambios en el cuadro de las formas pronominales de tratamiento de la 2ª persona de singular (2 SG) que se puede correlacionar a los patrones de concordancia verbal encontrados en las distintas gramáticas del portugués. En el portugués arcaico, se puede observar, como herencia latina, la coexistencia de dos pronombres de 2 SG. Por un lado, el pronombre *Tu* se encuentra con verbos en 2 SG y, por otro, el pronombre de cortesía *Vós* aparece con verbos en 2 PL. El portugués medio conserva las dos formas del periodo anterior y agrega una nueva forma pronominal de 2 SG, *Vossa Mercê*, resultante del proceso de gramaticalización del sintagma posesivo *vossa mercê*. La nueva forma gramaticalizada presenta dos patrones distintos de concordancia verbal: 2 PL y 3 SG. El estadio siguiente, portugués europeo (PE), mantiene la 2 SG original *Tu*, que coexiste con la forma *Você*, presentando verbos en 2 SG y 3 SG, respectivamente. Por fin, el portugués brasileño presenta la misma gramática del PE y añade, también, en su periodo de formación, otros dos patrones de concordancia verbal: *Tu* con verbos en 3 SG, patrón que se afianzará en el PB actual; y *Você* con verbos que presentan morfología de 2 SG. En el panorama descrito, el objetivo de este trabajo es discutir, a partir de un cuadro teórico formal (CHOMSKY, 1995; 2000; KROCH, 1989; HARLEY; RITTER, 2002; DUARTE *et al*, 2002; LOPES; RUMEU, 2007; BÉJAR, 2008), cómo la composicionalidad de los pronombres de 2 SG, a lo largo de la historia del portugués, puede tener correlación con los patrones de concordancia verbal encontrados. Teniendo en cuenta cuestiones de naturaleza pragmática, defendiendo la existencia de dos configuraciones pronominales distintas capaces de generar, en portugués, todos los patrones encontrados. A partir de la discusión teórica de los patrones de concordancia verbal identificados, la cortesía puede ser codificada como una categoría gramatical que influye en la operación sintáctica de concordancia.

PALABRAS-CLAVE: formas de Tratamiento; composicionalidad pronominal; rasgos-phi; concordancia verbal; historia del português.

Introdução

Na história do português, é possível observar uma série de mudanças no quadro das formas pronominais de tratamento da 2ª pessoa do singular (2 SG) que pode ser correlacionada às distintas gramáticas do português, distribuídas de acordo com o eixo temporal.

Sobre essa questão cronológica, siga, aqui, a proposta de periodização do português elaborada por Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2005), a partir de uma abordagem teórica gerativista e da análise de distintos fenômenos sintáticos como a colocação pronominal, a interpolação e a ordem estabelecida entre o sujeito e o verbo. Partindo do conceito de Língua-I (CHOMSKY, 1986) e de que um novo período seria aquele que apresenta uma gramática diferente da do estágio anterior, isto é, uma

gramática que apresenta valores para os parâmetros que são diferentes dos valores fixados na gramática da geração anterior, as autoras propõem que a história da língua portuguesa pode ser dividida em quatro períodos: português arcaico (PA): das origens aos meados do século XIV; português médio (PM): até o começo do XVIII; português europeu moderno (PE) e português brasileiro (PB): duas gramáticas distintas a partir do começo do XVIII.

Vejam os como se distribuem as formas pronominais de tratamento em função das distintas gramáticas do português:

	Cortesia	Intimidade
PA	Vós	Tu
PM	Vós	Tu
	Vossa Mercê	
PE / PB	Você	Tu
PB		Tu
		Você

Quadro 1: Formas de tratamento na história do português.

Como pode ser visto no quadro 1, no português arcaico, encontramos, como herança latina, dois pronomes distintos para a 2 SG, que se diferenciam em função da carga pragmática de cortesia que apresentam: o pronome de intimidade *Tu* e o pronome de cortesia *Vós* (CINTRA, 1972; FARACO, 1996). O português médio conserva os dois pronomes do período anterior e passa a contar com uma nova forma pronominal de 2 SG no campo da cortesia, *Vossa Mercê*, resultante do processo de gramaticalização do sintagma possessivo *vossa mercê* (MARCOTULIO, 2012).

Os estágios seguintes, português europeu contemporâneo e português brasileiro, mantêm a 2 SG de intimidade *Tu* e a forma de cortesia *Você*, resultado do processo de erosão fonética de *Vossa Mercê*. Por fim, uma nova mudança pode ser observada no PB, dessa vez de natureza pragmática: a forma *Você* passa a coexistir e disputar espaço com *Tu* no plano da intimidade (FARACO, 1996; RUMEU, 2004; LOPES; CAVALCANTE, 2011; LOPES; CAVALCANTE; MARCOTULIO, 2011). Com a migração do pronome *Você* do plano da cortesia para o plano de intimidade, outras formas, como *O senhor / A senhora*, passam a ocupar esse espaço de cortesia³.

3. Neste artigo, considero, para a análise, somente as formas pronominais de tratamento no português e as formas de tratamento advindas da forma gramaticalizada *Vossa Mercê*. Por essa razão, não levarei em conta as formas nominais de tratamento *O senhor e A senhora*.

Às formas pronominais de tratamento apresentadas, os seguintes padrões de concordância verbal podem ser correlacionados:

	Cortesia	Intimidade
PA	Vós + V 2 PL	Tu + V 2 SG
PM	Vós + V 2 PL	Tu + V 2 SG
	Vossa Mercê + V 3 SG	
PE / PB	Você + V 3 SG	Tu + V 2 SG
PB		Tu + V 2 SG
		Você + V 3 SG

Quadro 2: Formas de tratamento e padrões de concordância verbal na história do português.

De acordo com os padrões apresentados no quadro 2, o pronome de intimidade *Tu* é encontrado com verbos na 2 SG, como em (1) e em (2), e o pronome de cortesia *Vós* ocorre com verbos cujas marcas morfológicas resultantes da operação sintática de concordância são de 2ª pessoa do plural (2 PL), como em (3). Já *Vossa Mercê* (4) e *Você* (5), devido à sua origem nominal, combinam-se com verbos na 3ª pessoa do singular (3 SG)⁴.

- (1) E, certas, se me **tu outorgasses** de grado o que te peço, hoje te poeria em salvo. (CIPM, *A Demanda do Santo Graal*, século XV)
- (2) **tu** bem **sabes** que nós não podemos mais nos separar, não podemos viver um sem o outro, haveremos de nos amar eternamente (CCDCP, século XX)
- (3) Porque o **preguntades vós**? (CIPM, *A Demanda do Santo Graal*, século XV)
- (4) Senhor **diz vossa merce** isso cõ tãta autoridade, que suspeito, he pessoa de maior mereci mêtto que eu imagino (...) (CdP, *Contos e historias de proveito e exemplo*, Gonçalo Fernandes Trancoso, século XVI)
- (5) Agora **você deve** estar mais tranquillo e mais contente com a presença de Marieta e filhinhos. (CCDCP, século XX)

4. Os dados ilustrativos utilizados neste trabalho pertencem a três *corpora* distintos: (i) *Corpus Informatizado do Português Medieval* – CIPM, disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt>; (ii) *Corpus do Português* – CdP, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>; e (iii) *Corpus Compartilhado Diacrônico de Cartas Pessoais* – CCDCP, LABORHISTÓRICO, disponível em <http://www.letas.ufrj.br/laborhistorico>. Vale dizer que, neste trabalho, o foco não está na produtividade dos padrões de concordância verbal encontrados, mas no fato de serem possíveis em alguma gramática do português.

Sobre as novas formas pronominalizadas *Vossa Mercê* e *Você*, é interessante notar que um ponto em comum merece ser destacado quanto à sua inserção no quadro da 2 SG, tanto no campo da cortesia, com *Vossa Mercê*, quanto no campo da intimidade, com *Você*. Registram-se, com tais formas, padrões de concordância verbal variáveis, similares aos dos pronomes originais de cada categoria pragmática. Ainda que sem tanto rendimento e longevidade, encontramos, no PM, *Vossa Mercê* com verbos na 2 PL (6 – 7), padrão originário de *Vós*, e, no PB, *Você* com verbos na 2 SG (8 – 9), semelhantemente ao que ocorre com o pronome de intimidade *Tu*.

(6) E pois hua vez as fiz estas e as outras vejaas **vossa merce** se as **podees** aver (...)
(CdP, *Inquirições Manuelinas, Notarios, 1496-1520*, século XVI)

(7) Soes neste paço peçonha & antras damas danosa & soes amoor mentyrosa que vy & mais sem vergonha E nam diguo eu soo jsto mas a muytos opareçe & no que vos acontece o podeis jaa ter bem vysto: Por que de quantos **quereis vossa merce** quem naqueyra nam acha nem por terçeyra de ventura o achareys Tomay ora este conselho em que seja domem moço lançayuos ante nû poço que curardes mais despelho. (CdP, *Cancioneiro de Resende, Garcia de Resende*, século XVI)

(8) eu **você** já **sabes** como eu passei muito resfriada e sozinha (CCDCP, século XX)

(9) Jayme eu tenho rezado todas as noites a Nossa Senhora da Penha para a tua mãe ficar boazinha pra você e que ela fique mais calma sobre o nosso respeito eu te peço para **você rezares** também nem que seja um Padre Nosso e uma Ave-Maria se você não souber rezar isto manda-me dizer que eu copio para você. (CCDCP, século XX)

Por fim, no PB, quando *Você* passa a coexistir com *Tu* no plano da intimidade, um novo padrão pode ser encontrado com o pronome original da 2 SG: *Tu* com verbos na 3 SG (10 – 11).

(10) **tu** é a dona do meu coração. (CCDCP, século XX)

(11) Minha querida, **tu** não **pode** avaliar quanto me fez bem este nosso encontro (CCDCP, século XX)

Incluindo os novos padrões aos apresentados no quadro 2, têm-se:

	Cortesia	Intimidade
PA	Vós + V 2 PL	Tu + V 2 SG
PM	Vós + V 2 PL	Tu + V 2 SG
	Vossa Mercê + V 2 PL Vossa Mercê + V 3 SG	
PE / PB	Você + V 3 SG	Tu + V 2 SG
PB		Tu + V 2 SG Tu + V 3 SG
		Você + V 2 SG Você + V 3 SG

Quadro 3: Formas de tratamento e padrões de concordância verbal na história do português: quadro ampliado.

Como se pode ver no quadro 3, no PA, padrões de concordância verbal com 2 SG e 2 PL são encontrados para as formas de tratamento de intimidade *Tu* e de cortesia *Vós*, respectivamente. A esses padrões, juntam-se dois outros que ocorrem com a nova forma de cortesia *Vossa Mercê*, no PM: 2 PL e 3 SG. Num terceiro estágio, PE e PB registram as formas *Tu* e *Você*, com diferenciação pragmática, às quais correspondem os padrões de 2 SG e 3 SG, respectivamente. Por fim, no PB, os pronomes de intimidade *Tu* e *Você* são encontrados com dois padrões alternantes: 2 SG e 3 SG.

Nesse panorama descrito, uma questão central se coloca: como explicar e capturar, em termos formais, os distintos padrões de concordância verbal encontrados com as formas de tratamento da 2 SG na história do português? De modo a discutir essa questão, dentro de um quadro teórico formal (CHOMSKY 1995; 2000; KROCH, 1989), algumas propostas sobre a composicionalidade dos pronomes de 2 SG na história do português serão testadas, como (i) a atuação exclusiva de traços formais; (ii) a atuação conjunta de traços formais e semânticos (a partir de HARLEY; RITTER, 2002; DUARTE *et al*, 2002; LOPES; RUMEU, 2007); e (iii) a atuação de uma única sequência de traços-phi organizados hierarquicamente (BÉJAR, 2008).

Dando continuidade às discussões iniciadas em Marcotulio (2012; 2013) e Marcotulio e Lopes (2013), parto da hipótese de que os distintos padrões de concordância verbal encontrados podem ser correlacionados à composicionalidades pronominais distintas das formas de tratamento de 2P. Levando-se em consideração questões de natureza pragmática, defendo a existência de duas configurações pronominais distintas no português capazes de gerar todos os padrões encontrados. Para tanto, proponho que a cortesia pode ser codificada como uma categoria gramatical à qual a operação sintática de concordância é sensível.

Com o intuito de definir a composicionalidade dos pronomes de 2 SG que possa explicar os padrões de concordância verbal encontrados ao longo da história do português, este artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, que segue a esta Introdução, apresento brevemente alguns conceitos teóricos para a realização deste trabalho, como a justificativa para o estatuto pronominal das formas de tratamento de 2P e o funcionamento da operação sintática de concordância; a segunda e a terceira seções trazem a atuação dos traços exclusivamente formais e a atuação conjunta dos traços formais e semânticos, respectivamente; na quarta seção apresento como se daria a atuação de uma única sequência de traços-phi organizados hierarquicamente, assim como uma proposta de análise; a essa seção seguem as considerações finais e as referências bibliográficas.

2. Estatuto pronominal e operação de concordância

No quadro teórico de Princípios e Parâmetros em sua versão do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995; 2000), a concordância é concebida como uma operação sintática – operação AGREE – entre dois elementos que estão em um mesmo domínio sintático local: o alvo (elemento controlador, *goal*), que será o DP⁵ sujeito, e a sonda (elemento controlado, *probe*), que será a forma verbal.

Em relação ao alvo, neste trabalho, não entrarei na discussão acerca da natureza das formas de tratamento *Vossa Mercê* e *Você* no português, se nomes, se formas nominais de tratamento, se formas pronominais de tratamento ou se verdadeiros pronomes, tal como é feito em Rumeu (2004), por exemplo. A partir da observação de seu comportamento sintático, assumo que todas as formas de tratamento, assim como os pronomes “originais” de 2 SG, são DPs pronominais que apresentam a mesma estrutura dos “verdadeiros” pronomes. Assim, independentemente da carga pragmática que carregam, assumo, aqui, um ponto de vista sintático.

Tomando o pronome *Você* como referência, algumas características podem justificar o seu comportamento como sintagma pronominal. Como os demais pronomes de 2P, o pronome *Você* (i) apresenta uma interpretação pronominal, já que o traço de 2P é acessível; (ii) não pode ser modificado por adjetivos (12); (iii) o seu gênero é determinado pela interpretação e não por especificação lexical (13); e, por fim, (iv) o seu comportamento em termos de Ligação segue o princípio B e não o princípio C (14) (CHOMSKY, 1981)⁶:

5. Assumo, aqui, a hipótese de DP (sintagma determinante, do inglês *determiner phrase*), de Abney (1987), de que os sintagmas nominais apresentam uma estrutura paralela à estrutura da sentença, sendo, portanto, considerados como NPs (sintagma nominal, do inglês *noun phrase*) inseridos em uma estrutura funcional DP que é capaz de abrigar projeções funcionais intermediárias entre o núcleo lexical N° e o núcleo funcional D°.

6. De acordo com a Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981), que considera o comportamento sintático de anáforas, pronomes e expressões-R(eferenciais), três princípios podem ser formulados: (i) Princípio A: uma anáfora deve estar ligada em seu domínio de regência; (ii) Princípio B: um pronome deve estar livre em seu domínio de regência; e (iii) Princípio C: Uma expressão-R deve estar livre.

(12) [*Você desatento] não entendeu o problema.

(13) Você está satisfeito/a?

(14) Você viu um fantasma atrás de você?

Em função das características descritas anteriormente, considero *Vossa Mercê* e *Você*, assim como *Tu* e *Vós*, como sintagmas com comportamento pronominal capazes de fazer referência à 2P, o que lhes confere um estatuto pronominal.

Além disso, assumo que os pronomes apresentam traços-phi de pessoa e número visíveis para a operação sintática de concordância que se daria da seguinte forma: (1) Os traços-phi do alvo, em categorias funcionais como D (*Determinante*, do inglês *Determiner*), percolados para a projeção máxima DP, são intrínsecos e interpretáveis, o que significa que devem estar visíveis em Forma Lógica (LF, do inglês *Logic Form*); (2) Os traços-phi da sonda, em T (*Tempo*, do inglês *Tense*), são não-interpretáveis e não valorados. Esses traços precisam ser valorados e deletados antes de *Spell-out* para que não estejam visíveis em LF. A eliminação desses traços se justifica pelo Princípio da Interpretabilidade Plena nas interfaces; (3) Os valores não fixados dos traços-phi da sonda desencadeiam a busca por um elemento, o alvo, que possa valorá-los; (4) Para que haja a valoração dos traços da sonda, é necessário que uma relação local se estabeleça entre a sonda e o alvo. Esse domínio é dado quando a sonda está em relação de irmandade com o alvo, em uma relação de c-comando sem nós intervenientes; (5) Há um pareamento dos traços do alvo e da sonda e os valores dos traços do alvo são transferidos à sonda; (6) Os traços da sonda, já valorados, são deletados da derivação. Em algumas línguas, esse pareamento pode implicar a presença de um afixo flexional que expressa na interface fônica, em Forma Fonética (PF, do inglês *Phonetic Form*), a relação de concordância estabelecida.

Diante desse quadro, a questão que se coloca é a de como explicar os distintos padrões de concordância verbal, tendo em vista que deve haver uma correspondência entre os traços de pessoa e número presentes no DP sujeito e os reflexos morfológicos evidenciados na forma verbal.

Nas próximas seções, discutirei a validade da aplicação de três propostas distintas para a composicionalidade pronominal das formas de tratamento de 2P na história do português. Vejamos, a seguir, a primeira delas, que se refere à atuação exclusiva dos tradicionais traços-phi, denominados traços formais.

3. Proposta 1: atuação exclusiva de traços formais

Adotando os tradicionais traços-phi de pessoa e de número, denominados traços formais, têm-se as seguintes configurações para os pronomes de tratamento:

Pronome	Traços-phi (formais)	
	Pessoa	Número
Tu	2	SG
Vós	2	PL
Vossa Mercê	3	SG
Você	3	SG

Quadro 4: Composicionalidade pronominal a partir dos tradicionais traços-phi (formais).

Como se pode ver no quadro 4, os pronomes *Tu* e *Vós* seriam marcados para a 2P, singular e plural, respectivamente. Já os pronomes *Vossa Mercê* e *Você*, por sua origem nominal, apresentam uma configuração de 3 SG.

Veamos se essa composicionalidade seria suficiente para explicar os padrões de concordância verbal encontrados. De modo a facilitar a exposição, repito aqui os padrões em análise:

Padrão	Forma de tratamento	Verbo
I	Tu	2 SG
II	Tu	3 SG
III	Vós	2 PL
IV	Vossa Mercê	3 SG
V	Vossa Mercê	2 PL
VI	Você	3 SG
VII	Você	2 SG

Quadro 5: Padrões de concordância verbal encontrados.

Padrão	DP sujeito		V		AGREE	
	Pessoa	Número	Pessoa	Número	Pessoa	Número
I. Tu + V 2SG	2	SG	2	SG	ok	ok
II. Tu + V 3 SG	2	SG	3	SG	x	ok
III. Vós + V 2 PL	2	PL	2	PL	ok	ok
IV. Vossa Mercê + V 3 SG	3	SG	3	SG	ok	ok
V. Vossa Mercê + V 2 PL	3	SG	2	PL	x	x
VI. Você + V 3 SG	3	SG	3	SG	ok	ok
VII. Você + V 2 SG	3	SG	2	SG	x	ok

Quadro 6: Padrões de concordância verbal e atuação dos traços formais de pessoa e número.

Os padrões I (*Tu* + V 2 SG), III (*Vós* + V 2 PL), IV (*Vossa Mercê* + V 3 SG) e VI (*Você* + V 3 SG) seriam explicados pela Teoria de Verificação de Traços (CHOMSKY, 1995), uma vez que os valores

dos traços do alvo e da sonda coincidem. Nos casos supracitados, o DP sujeito checa os traços não-interpretáveis e não-validados de T, atribuindo-lhes valores que apontam para processos de concordância canônica. Já os padrões II (*Tu* + V 3 SG), V (*Vossa Mercê* + V 2 PL) e VII (*Você* + V 2 SG) não seriam explicáveis por essa proposta, uma vez que não haveria o processo de pareamento, validação e eliminação de traços com valores diferentes no alvo e na sonda. Para Chomsky (1995; 2000), essa falta de identidade dos traços seria responsável por cancelar a derivação, isto é, a gramática simplesmente não poderia gerar tais padrões.

Em síntese, a atuação de traços puramente formais não explica satisfatoriamente todos os padrões de concordância verbal encontrados na história do português. A ausência de pareamento dos traços se verifica em duas situações: (i) no que se refere somente ao traço de pessoa (padrões II e VII); e (ii) em relação a todo o conjunto de traços-phi de pessoa e de número (padrão V).

Vejamos, agora, como se daria a aplicação de uma segunda proposta para a composicionalidade pronominal das formas de tratamento de 2P na história do português, que leva em consideração a atuação conjunta de traços formais e semânticos.

4. Proposta 2: atuação conjunta de traços formais e traços semânticos

Como mostrado na seção anterior, ao consideramos os traços formais de um pronome, também chamados de traços gramaticais, estamos considerando somente as propriedades de natureza morfosintática que são descritas, para os pronomes que ocupam a posição de sujeito, através das informações evidenciadas nos padrões de concordância verbal mais frequentes.

Além desses traços, os pronomes também comportam informações relacionadas à dêixis pessoal, que faz referência aos participantes do discurso. Vejamos como se constituiria a composicionalidade semântica dos sintagmas pronominais *Tu*, *Vós*, *Vossa Mercê* e *Você* a partir da proposta por Harley e Ritter (2002).

Harley e Ritter (2002) defendem uma geometria de traços para o sistema pronominal das línguas naturais. A partir de estudos para a fonologia, as autoras estendem à sintaxe a ideia de que os pronomes também apresentam traços especificados que são organizados hierarquicamente. A principal inspiração para a elaboração dessa proposta é a de que um conjunto fechado e cristalizado de traços não daria conta da diversidade de pronomes que as línguas apresentam. A geometria de traços proposta constitui, assim, uma representação estrutural para possíveis combinações restritas aos traços de pessoa, número e gênero, verificada nas diferentes línguas naturais.

De acordo com as autoras, os traços presentes na geometria são monovalentes e somente aparecem se apresentam valor positivo. Além disso, um determinado traço pode ser subdividido em

outro(s) traço(s), e uma relação de dependência se estabelece entre eles. Assim, se um determinado nó for eliminado da geometria, todos os traços dependentes desse nó serão, conseqüentemente, eliminados. A geometria proposta, assumida como sendo fornecida pela Gramática Universal, pode ser visualizada na figura abaixo:

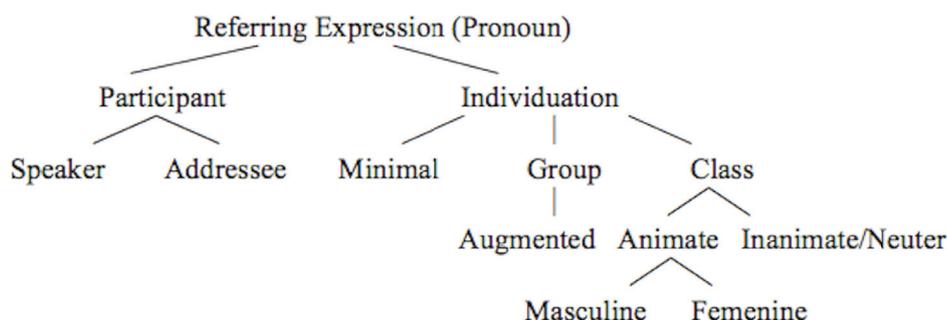


Figura 1: Geometria de traços pronominais (HARLEY; RITTER, 2002).

Todos os traços dependem do nó matriz *Referring Expression*⁷. Quando se trata de um nó matriz com traços formais, mas sem matriz fonológica, tem-se um pronome nulo. Os tradicionais traços-phi são apresentados em três grandes categorias, identificados pelos nós *Participant*, *Individuation* e *Class*. O nó *Participant* apresenta como nós dependentes *Speaker* (1ª pessoa) e *Addressee* (2ª pessoa). De acordo com as autoras, no que se refere à categoria *Participant* (pessoa), a principal dicotomia adotada na geometria é a de participantes do discurso (1ª e 2ª pessoas) e não participante (3ª pessoa). A 3ª pessoa não é marcada na geometria, ou seja, refere-se à ausência do nó *Participant*. O nó *Individuation* e seus dependentes *Minimal* e *Group* são utilizados para representar sistemas de número e o nó *Class* refere-se ao gênero.

Um ponto importante a se considerar nessa geometria é a distinção conceptual entre dependência e independência discursivas. O nó *Participant* e seus nós dependentes representam traços do sintagma pronominal que dependem dos papéis discursivos, ao passo que o nó *Individuation* representa os traços do sintagma pronominal que independem do discurso.

Assim, de acordo com a proposta de Harley e Ritter (2002), em vez de *pessoa*, *número* e *gênero* serem considerados os componentes atômicos de um pronome, os tradicionais traços-phi precisam ser decompostos em traços mais atômicos que capturem categoricamente as informações cruciais que um pronome apresenta.

7. Preservarei, aqui, os rótulos originais em inglês.

No caso particular das formas de tratamento *Tu*, *Vós*, *Vossa Mercê* e *Você*, por apresentarem referência à 2ª pessoa do discurso, apresentariam a mesma composição:

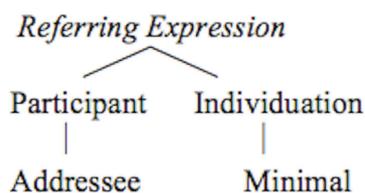


Figura 2: Composicionalidade das formas de tratamento de 2 SG.

A essa composicionalidade equivale dizer que as formas de tratamento *Tu*, *Vós*, *Vossa Mercê* e *Você* estão marcadas semanticamente para a segunda pessoa do discurso no singular (2 SG), uma vez que apresentam a propriedade de fazer referência a um único interlocutor, no caso, o ouvinte.

Resultados semelhantes podem ser conseguidos por outras propostas. Inspiradas na composicionalidade pronominal de Harley e Ritter (2002), Duarte *et al* (2002) elaboram uma proposta para os pronomes do PE. A representação pronominal segue, assim, o seguinte modelo de geometria de traços:

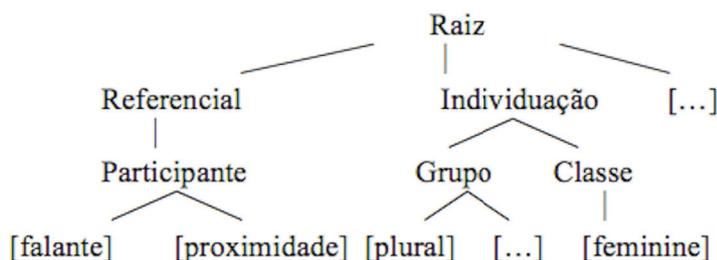


Figura 3: Geometria de traços pronominais (DUARTE *et al*, 2002).

Da mesma forma que na proposta de Harley e Ritter (2002), para Duarte *et al* (2002), *Raiz* é o nó que domina toda a geometria dos pronomes pessoais. As propriedades dependentes do discurso são codificadas no nó *Referencial*, ao passo que as que são independentes do discurso, como número e gênero, pertencem ao nó *Indivuação*.

Dentro de *Referencial*, nó responsável pela codificação do conteúdo referencial do nó *Raiz*, encontramos o nó *Participante* que codifica o papel dos personagens da cena discursiva. Assim, quando esse nó é projetado, têm-se pronomes de 1P ou 2P; quando não projetado, têm-se pronomes de 3P. O contraste entre a 1P e a 2P é feito pelo traço [falante] que, quando marcado positivamente, se refere à 1P, e, quando marcado negativamente, representa a 2P. Além desse traço, essa estrutura pronominal

também conta com a codificação de fatores pragmáticos através do traço [proximidade] que pode ser marcado positivamente ou negativamente, significando, respectivamente, *intimidade / proximidade* e *cortesia / distanciamento*.

No que se refere aos traços que não dependem do discurso, dizemos que são traços de natureza exclusivamente gramatical. Dentro do nó *Individuação*, o nó *Grupo* será o responsável pela oposição entre *singular* e *plural*, ao passo que o nó *Classe* codifica o gênero.

Tendo em vista o fato de haver informações de natureza pragmática como *proximidade* (em oposição a *distanciamento*), os pronomes *Tu* e *Você* no PE, a partir dessa proposta, não apresentariam a mesma configuração. O pronome original de 2 SG *Tu* apresentaria a seguinte geometria:

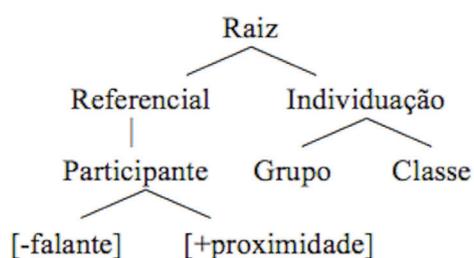


Figura 4: Composicionalidade do pronome *Tu* (DUARTE et al, 2002).

O nó *Referencial*, responsável pela codificação dos traços dependentes do discurso, projeta o nó *Participante*, uma vez que *Tu* denota um dos participantes do discurso. Pelo fato de esse participante ser o ouvinte, tem-se o traço *[-falante]*. Por fim, o traço *[+proximidade]* representa a carga pragmática de intimidade que esse pronome comporta. Em relação ao nó *Individuação*, têm-se somente os nós *Grupo* e *Classe*, sem a projeção de nós dependentes, que equivalem à informação de número singular e à ausência de especificação de gênero, respectivamente.

O pronome de cortesia *Você*, por outro lado, seria assim representado:

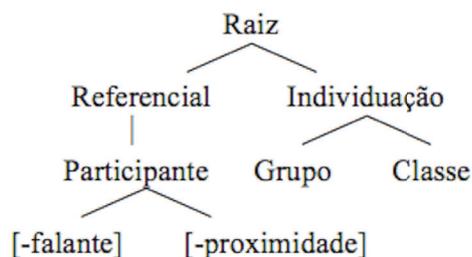


Figura 5: Composicionalidade do pronome *Você* (DUARTE et al, 2002).

Semelhantemente ao pronome *Tu*, o pronome *Você* apresenta o nó *Referencial*, que projeta *Participante* e está codificado para [-falante], por representar a 2P do discurso. Entretanto, no que se refere ao traço [proximidade] tem-se uma diferença, já que pragmaticamente, no PE, a forma *Você* será marcada negativamente para esse traço, uma vez que representa o campo do distanciamento ou da cortesia. Sobre o nó *Individuação*, têm-se as mesmas especificidades do pronome *Tu*.

Os outros pronomes da 2P na história do português poderiam receber as mesmas configurações, comportando-se como *Tu*, no plano da intimidade, e *Você*, no plano da cortesia, como mostrado nas figuras 4 e 5, respectivamente.

Em síntese, partindo-se tanto da proposta de Harley e Ritter (2002) quanto da adaptada por Duarte *et al* (2002), os pronomes *Tu*, *Vós*, *Vossa Mercê* e *Você* apresentam configurações que lhes permitem identificar como pronomes referentes aos participantes ouvintes do discurso, isto é, 2P do singular. A diferença das propostas está, no entanto, na possibilidade de codificar, gramaticalmente, informações de natureza pragmática dentro das informações relativas ao nó *Participante* (traço de pessoa), como se pode ver em Duarte *et al* (2002).

Por ora, vamos trabalhar com a informação de que *Tu*, *Vós*, *Vossa Mercê* e *Você* são formas semanticamente especificadas para a 2 SG e não com a subespecificação feita por Duarte *et al* (2002) para o traço pragmático de cortesia.

A partir das informações semânticas obtidas com as propostas de Harley e Ritter (2002) e Duarte *et al* (2002), a segunda proposta a ser testada trataria de considerar a atuação conjunta de traços formais e semânticos, uma vez que essas informações nem sempre coincidem. De modo a comprovar a atuação conjunta dos dois grupos de traços, Lopes e Rumeu (2007)⁸ argumentam que, para as formas *Vossa Mercê* e *Você*, a questão da concordância verbal com verbos cujas marcas morfológicas são de 3 SG é um indício da atuação dos traços formais. O mesmo procedimento pode ser aplicado à forma *Você*:

(15) Vossa Mercê soube do ocorrido?

(16) Você soube do ocorrido?

Além disso, o fato de *Vossa Mercê* / *Você* se combinar a complementos e a possessivos de 3 SG também seria uma evidência a favor da atuação dos traços formais:

8. Para o caso particular de *Vossa Mercê* / *Você*, Lopes e Rumeu (2007) partem do estudo de Rumeu (2004).

(17)

- a. Vossa Mercê_i / Você_i não se_i deu conta de que o seu_i cabelo está horrível?
- b. Eu lhe_i dei um presente, mas Vossa Mercê_i / você_i não gostou.
- c. Não o_i vi ontem na festa, mas tenho certeza de que Vossa Mercê_i / você_i estava lá⁹.

A atuação dos traços semânticos seria mais visível sintaticamente na forma *Você*, através da combinação de *você* com complementos ou possessivos especificados formalmente para a 2 SG:

(18)

- a. Você_i me empresta o teu_i livro?
- b. Eu não te_i disse para você_i não fazer isso?
- c. Você_i gostou do presente que eu te_i dei?

Segundo Lopes e Rumeu (2007, p. 425), a combinação de *você* com formas de 2P já aparece registrada desde o final do século XIX:

(19) Voce e Juvelina recebem lembranças de todos e um apertado abraço d'esta tua irmã que muito te estima. (Carta de Julieta F. L. Ascencio à sua irmã Josephina. Curitiba, 26.08.1888)

(20) Meo Querido Neto Mizael. Recebi a sua cartinha que me-deo muito prazer, ver que voce se-tem adiantado muito. Fiquei muito contente quando sua Mae me-disse que em principio de Maio estarão cá, pois estou com muitas saudades de voces todos. Vovó te-manda muitas lembranças. A menina de Zulmira está muito engraçadinha já tem 2 dentinhos. Com muitas saudades te abraça Sua Dindinha e Amiga.(Carta de Bárbara ao neto Misael, carta 28, RJ, 1883)

Os dados acima mostram que ora os traços formais são requisitados, ora os traços semânticos o são, o que justificaria um tratamento conjunto de traços formais e semânticos das formas *Vossa Mercê* / *Você*. Nesse sentido, Lopes e Rumeu (2007) discutem um sistema de traços formais e semânticos que

9. No português brasileiro atual, a utilização do clítico acusativo *o* não é a opção mais utilizada para a forma *Você*. Entretanto, é uma estratégia bastante frequente no português dos séculos XVIII e XIX (cf. RUMEU, 2004; MARCO-TULIO, 2010) e no PE contemporâneo.

pode ser aplicado à forma gramaticalizada *Você* através da comparação com a forma nominal base *Vossa Mercê*. Para tanto, assumem, a partir de Rooryck (1994), que (i) o léxico deve ser minimamente especificado e que (ii) os tradicionais traços-phi de pessoa, número e gênero são intrínsecos. De acordo com Rooryck (1994), os traços podem ser de duas categorias:

- a) traços variáveis: [α] – não apresentam um valor especificado, sendo sintaticamente subespecificados;
- b) traços não-variáveis: [\emptyset] – marcados para a ausência de um determinado valor; ou especificados para um determinado valor fixo.

De modo a estabelecer uma representação mais econômica, as autoras trabalham com notações binárias, considerando como representativo a forma mais marcada. A forma menos marcada seria o *default*. Os traços formais são representados por letras minúsculas e os semânticos por letras maiúsculas¹⁰:

	Traços de número	
	Formal	Semântico
Singular	[-pl]	[-PL]
Plural	[+pl]	[+PL]
Variável	[α pl]	[α PL]
Ausente	[\emptyset pl]	[\emptyset PL]

Quadro 7: Traços de número (LOPES e RUMEU, 2007).

	Traços de pessoa	
	Formal	Semântico
1P	[+eu]	[+EU]
2P	[-eu]	[-EU]
3P	[\emptyset eu]	[\emptyset EU]

Quadro 8: Traços de pessoa (LOPES e RUMEU, 2007).

Vejamos a aplicação do sistema de traços proposto por Lopes e Rumeu (2007) à forma *Vossa Mercê*:

10. Como foge ao objetivo deste artigo, por não influenciar nos processos de concordância abordados, o traço de gênero não será levado em consideração.

Traços	Vossa Mercê
número	[α pl, α PL]
pessoa	[Ø eu, - EU]

Quadro 9: Proposta de traços formais e semânticos elaborada por Lopes e Rumeu (2007) a partir de Rooryck (1994): Vossa Mercê.

Quanto ao traço de número, o traço formal é subespecificado em relação ao número – [α pl] –, visto que a forma-base pode gerar tanto formas no singular quanto no plural. O traço semântico de *Vossa Mercê* apresenta uma subespecificação de número plural, uma vez que a forma pronominalizada pode receber ou não uma interpretação pluralizada, de acordo com a presença do traço de número formal¹¹:

(21) (...) eque adita entrega deveria ser por huma escriptura em que eu o izentasse de todas as circumstancias comerciaes ejuros que **vossas mercês** lhe quizessem acumular (...) (Carta de José Luiz Alves. RJ, 06.07.1811)

Em relação ao traço pessoa, a forma *Vossa Mercê* apresenta o traço formal [Ø eu] como uma conservação da pessoa formal típica do nome e a pessoa semântica se apresenta como [-EU], isto é, 2P do discurso.

Levando em consideração as demais formas de tratamento, temos os seguintes conjuntos de traços:

Traços	Tu	Vós	Vossa Mercê	Você
Número	[- pl, - PL]	[+ pl, - PL]	[α pl, α PL]	[α pl, α PL]
Pessoa	[- eu, - EU]	[- eu, - EU]	[Ø eu, - EU]	[Ø eu, - EU]

Quadro 10: Proposta de traços formais e semânticos elaborada por Lopes e Rumeu (2007) a partir de Rooryck (1994): todas as formas.

Como se vê no quadro acima, não haveria diferença entre os traços formais e semânticos da forma *Tu* (2 SG). A forma *Vós*, por sua vez, somente apresenta distinção entre os traços formais e semânticos no que se refere ao traço de número: o traço formal é [+pl] ao passo que o traço semântico é marcado como [-PL], já que a forma de cortesia é utilizada para um único interlocutor. Por fim, os mesmos traços de *Vossa Mercê* seriam aplicáveis à forma *Você*.

11. Os exemplos são de Lopes e Rumeu (2007)

Diferentemente de Harley e Ritter (2002) e Duarte *et al* (2002), a proposta de Lopes e Rumeu (2007) se torna interessante na medida em que discute que não há necessariamente compatibilidade entre os traços formais e semânticos, mas que ambos os conjuntos de traços se encontram ativos e fazem parte da composicionalidade pronominal.

No entanto, considerando o modelo teórico aqui adotado e o fato de que os traços especificados do alvo devem ser capazes de atribuir valores aos traços da sonda, os traços variáveis [α], por não apresentarem um valor especificado, uma vez que são sintaticamente subespecificados, representariam um problema para a operação de concordância. Assim, como um alvo subespecificado [α], no caso dos traços de número, tanto formal quanto semântico, das formas *Vossa Mercê* e *Você*, conseguiria valorar um traço não-validado da sonda?

Por essa razão, na tentativa de alcançar uma descrição mais econômica e convergente com o quadro teórico aqui utilizado, por um lado, a partir de Lopes e Rumeu (2007), parto da assunção de que os traços formais e os traços semânticos das formas de tratamento do português nem sempre são idênticos, mas podem coexistir na composicionalidade dos pronomes; por outro lado, com Harley e Ritter (2002) e Duarte *et al* (2002), assumo que os pronomes de tratamento do português são marcados para os traços de 2 SG.

Vejam abaixo a dupla composicionalidade dos pronomes do português. Para facilitar a visualização, estão em verde os traços que coincidem e em vermelho os não-coincidentes:

	Traços formais		Traços semânticos	
	Pessoa	Número	Pessoa	Número
Tu	2	SG	2	SG
Vós	2	PL	2	SG
Vossa Mercê	3	SG	2	SG
Você	3	SG	2	SG

Quadro 11: Composicionalidade das formas de tratamento de 2 SG: traços formais e semânticos.

Como se vê, a total coincidência de traços formais e semânticos somente se visualiza no pronome original de 2 SG *Tu*. A ausência de identidade se verifica no traço de número, no caso do pronome *Vós*, e no traço de pessoa, no caso das formas *Vossa Mercê* e *Você*.

Vejam como se daria a aplicação da proposta de atuação conjunta de traços formais e semânticos aos padrões de concordância verbal encontrados. Ao adotar essa proposta, é preciso assumir que os dois conjuntos de traços – traços formais e traços semânticos – estão disponíveis no léxico para a derivação.

Padrão	DP sujeito				V		AGREE	
	Pessoa		Número		Pessoa	Número	Pessoa	Número
	form. (F)	sem. (S)	form. (F)	sem. (S)				
I. Tu + V 2SG	2	2	SG	SG	2	SG	ok (F=S)	Ok (F=S)
II. Tu + V 3 SG	2	2	SG	SG	3	SG	X (F=S)	Ok (F=S)
III. Vós + V 2 PL	2	2	PL	SG	2	PL	ok (F=S)	Ok (F)
IV. Vossa Mercê + V 3 SG	3	2	SG	SG	3	SG	ok (F)	Ok (F=S)
V. Vossa Mercê + V 2 PL	3	2	SG	SG	2	PL	ok (S)	X (F=S)
VI. Você + V 3 SG	3	2	SG	SG	3	SG	ok (F)	Ok (F=S)
VII. Você + V 2 SG	3	2	SG	SG	2	SG	ok (S)	Ok (F=S)

Quadro 12: Padrões de concordância verbal e atuação dos traços formais e semânticos de pessoa e número.

Comparando os resultados obtidos por essa proposta (atuação conjunta de traços formais e traços semânticos), com os da primeira proposta (atuação exclusiva de traços formais), é possível observar que, dos três padrões que apresentavam problemas, um deles, o padrão VII (*Você + V 2 SG*), é contemplado pela nova descrição. Nesse padrão, que postula a concordância do traço de pessoa com V 2 SG, o traço semântico de pessoa (2P) estaria ativo para a derivação, ao passo que o traço formal (3P) não seria relevante para o procedimento da concordância. O padrão V (*Vossa Mercê + V 2 PL*), que antes apresentava restrições tanto para o traço de pessoa quanto para o traço de número, apresenta, pela nova proposta, problemas somente no que se refere ao traço de número, sendo a concordância de pessoa estabelecida pelo traço semântico (2P). Nesse caso, a ausência de pareamento continua visível somente no traço de número, uma vez que o traço de número do DP sujeito, tanto formal quanto semântico (SG), continua divergindo do traço de número da sonda (PL). Por fim, o padrão II (*Tu + V 3 SG*) permaneceria sem explicação em relação ao traço de pessoa, já que o traço do alvo, tanto formal quanto semântico (2P), não coincide com o traço da sonda (3P).

Nem mesmo resgatando a proposta de Duarte *et al* (2002), no que se refere à codificação da cortesia como uma categoria gramatical no traço de pessoa, não haveria uma explicação satisfatória para os problemas levantados. Por um lado, no padrão II (*Tu + V 3 SG*), a informação pragmática de

[+proximidade] no traço pessoa não seria capaz de explicar a combinação com verbos na 3 SG, a não ser que uma regra fosse postulada a partir da qual todo pronome de 2P [+proximidade] poderia se combinar com verbos tanto na 2P quanto na 3P. Nesse caso, o traço pragmático de [-cortesia; +intimidade] no DP alvo estaria associado a duas possibilidades distintas de sonda, ainda que a natureza dessa relação não fosse bem explicitada. De modo a garantir a particularidade da informação pragmática contida no traço [+proximidade], seria de esperar que pronomes com o traço [-proximidade] se comportassem de forma diferente. A simples observação de que os padrões VI (*Você* + V 3 SG) e VII (*Você* + V 2 SG), em que *Você* aparece com verbos na 2P e 3P, ocorrem sem problemas seria uma contra-evidência a essa ideia.

Por outro, no que se refere ao padrão V (*Vossa Mercê* + V 2 PL), independentemente de ser marcado como [+proximidade] ou [-proximidade], o problema continuaria sem solução, uma vez que a ausência de pareamento se verifica no traço de número e não no traço de pessoa.

Em virtude dos fatos mostrados, ainda que as informações pragmáticas de cortesia sejam codificadas na gramática no traço pessoa (cf. DUARTE *et al*, 2002), essas não estariam relacionadas diretamente à operação de concordância verbal, uma vez que não conseguiriam explicar os padrões encontrados.

De uma forma geral, é possível dizer que a proposta que concilia a atuação de traços formais e semânticos constitui um avanço na descrição da composicionalidade pronominal das formas de tratamento na história do português, sobretudo se comparada à proposta de atuação exclusiva dos traços formais. Vejamos uma síntese contrastiva das propostas apresentadas no quadro abaixo:

Padrão	Ausência de pareamento	
	Proposta 1 Traços formais	Proposta 2 Traços formais e semânticos
II. Tu + V 3 SG	Pessoa	Pessoa
V. Vossa Mercê + V 2 PL	Pessoa Número	Número
VII. Você + V 2 SG	Pessoa	

Quadro 13: Síntese: contrastando as propostas.

Como se pode ver no quadro 13, a proposta 2 daria conta de um maior número de padrões, já que consegue solucionar o padrão VII, além de ser capaz de reduzir o problema do padrão V ao traço de número. Quanto ao padrão II, as duas propostas apresentam a mesma limitação.

Em síntese, nenhuma das propostas daria conta de todos os padrões encontrados. Além disso, outra questão pode ser levantada. Uma vez que no modelo chomskyano o léxico é compreendido como um

conjunto de matrizes de traços, e um sintagma pronominal apresenta, especificado no léxico, valores para os traços de pessoa e número, como conceber a ideia de uma dupla sequência de traços-phi para um mesmo sintagma? Até que ponto essa dupla marcação seria vantajosa em termos de uma economia gramatical?

É interessante notar que, no que se refere a itens com comportamento pronominal, as propostas de atuação conjunta de traços formais e semânticos têm sido adotadas, para o caso do português, somente em estudos que levam em conta as novas formas pronominalizadas *Vossa Mercê / Você e A gente* (cf. LOPES, 1999; COSTA; MOURA; PEREIRA, 2001; PEREIRA, 2003; RUMEU, 2004; LOPES; RUMEU, 2007; COSTA; PEREIRA, 2012). Não faria sentido pensar na aplicação das mesmas propostas para os “verdadeiros” pronomes do português, uma vez que haveria total correspondência entre os traços:

Pronomes	Traços formais = Traços semânticos
Eu	1 SG
Tu	2 SG
Ele	3 SG
Nós	1 PL
Vós	2 PL
Eles	3 PL

Quadro 14: Traços formais e traços semânticos dos pronomes pessoais retos do português.

De modo a solucionar essa questão e pensar em um modelo mais econômico que dê conta do caso das formas de tratamento na história do português, assumo aqui que um sintagma pronominal deve apresentar no léxico somente uma sequência de traços-phi, sendo essa sequência capaz de expressar tanto o conteúdo formal quanto o semântico do pronome. Para tanto, utilizo a proposta de geometria de traços elaborada por Béjar (2008) que, além de organizá-los hierarquicamente, também prediz os tipos de concordância que podem ser produzidos a partir das relações de acarretamento de traços.

5. Proposta 3: atuação de traços-phi organizados hierarquicamente

A proposta de Béjar (2008)¹² é motivada por algumas restrições que ocorrem em casos de concordância, quando há falta de equivalência entre os traços do elemento controlador (alvo) e os do elemento controlado (sonda). Por essa proposta, os tradicionais traços-phi pronominais de pessoa e número¹³ são assumidos como não-primitivos, sendo representados por diferentes tipos de feixes de

12. A proposta de Béjar (2008), apresentada inicialmente em Béjar (2003), parte da proposta de geometria hierárquica de traços pronominais de Harley e Ritter (2002).

13. Como aborda casos de concordância sujeito-verbo e sujeito-objeto que não envolvem o traço gênero, esse traço não é abordado na proposta de Béjar (2008), sendo a atenção voltada para os traços de pessoa e número.

traços. No que se refere ao traço de pessoa, o inventário adotado é {[π], [participant], [speaker]} e, para o número, {[ω], [plural]}. Esses traços são privativos, o que significa que sua ausência é interpretada como um valor negativo.

Considerando o traço de pessoa, todas as pessoas – 1P, 2P e 3P – são consideradas “pessoas”, logo seriam marcadas para [π]. Como somente a 1P e a 2P são participantes do ato discursivo, elas possuem também o traço [participant]. Por fim, o traço [speaker] será o responsável por diferenciar a 1P e a 2P. Esses traços se apresentam em uma relação de acarretamento. Assim, o que for especificado para o traço [participant] é especificado para [π], e o que for especificado para [speaker] é especificado também para [participant] que, por sua vez, é especificado para [π]:

1P	2P	3P
π participant speaker	π participant	π

Quadro 15: Traços de pessoa (BÉJAR, 2008).

(22) Relações de acarretamento: [speaker] |= [participant] |= [π]

O mesmo procedimento pode ser aplicado ao traço de número. Os traços de singular e plural seriam marcados para [ω]. Diferentemente do traço de singular, o plural também seria especificado para o traço de pluralidade [plural]. Quanto à relação de acarretamento aqui estabelecida, o que for especificado para [plural] é necessariamente especificado para [ω]:

PL	SG
ω plural	ω

Quadro 16: Traços de número (BÉJAR, 2008).

(23) Relações de acarretamento: [plural] |= [ω]

A partir dessa perspectiva, as formas de tratamento *Tu*, *Vós*, *Vossa Mercê* e *Você* podem assim ser definidas:

Formas de tratamento de 2 SG	
Pessoa	número
π participant	ω

Quadro 17: Composicionalidade pronominal das formas de tratamento de 2 SG no português (Béjar, 2008).

Como se vê no quadro 17, no que se refere ao traço de pessoa, as formas de tratamento aqui investigadas são marcadas para pessoa, logo apresentam o traço $[\pi]$. Além disso, como podem fazer referência ao interlocutor, portanto à 2P do discurso, apresentam, também, o traço $[\text{participant}]$. Em relação ao traço de número, tais formas somente apresentam a informação básica de número, representada pelo traço $[\omega]$, que corresponde ao singular.

Aparentemente, a configuração de traços aplicada às formas de tratamento de 2 SG parece ser semelhante à proposta de traços semânticos de Harley e Ritter (2002). Entretanto, a análise de Béjar (2008) dá conta, a partir da noção de acarretamento, dos pareamentos possíveis no processo de concordância, levando em consideração que deve haver pareamento de ao menos um dos traços, devendo os traços contidos na sonda serem iguais ou subconjuntos dos traços contidos no alvo. Em relação ao pareamento alvo-sonda (*goal-probe*) no que se refere ao traço de pessoa, tem-se¹⁴:

Probes	Goals		
	$[\pi]$	$[\pi \text{ participant}]$	$[\pi \text{ participant speaker}]$
$[\omega\pi]$	$P \subseteq G \text{ and } P \supseteq G$	$P \subseteq G$	$P \subseteq G$
	agree succeeds	agree succeeds	agree succeeds
$[\omega\pi \text{ uparticipant}]$	$P \supseteq G$	$P \subseteq G \text{ and } P \supseteq G$	$P \subseteq G$
	agree fails	agree succeeds	agree succeeds
$[\omega\pi \text{ uparticipant uspeaker}]$	$P \supseteq G$	$P \supseteq G$	$P \subseteq G \text{ and } P \supseteq G$
	agree fails	agree fails	agree succeeds

Quadro 18: Possíveis pareamentos entre sonda e alvo considerando o traço de pessoa (Success or failure of Agree with probe-goal pairs (person features)). In: BÉJAR, 2008, pp. 143-144).

14. Opto por manter a reprodução fiel da tabela elaborada por Béjar (2008), conservando os rótulos em inglês.

Como é possível visualizar no quadro 18, a coluna da esquerda mostra as possibilidades de sondas, em que *u* (de *uninterpretable*) significa não-interpretável: [*uπ*], [*uπ u*participant] e [*uπ u*participant *u*speaker], equivalem a 3P, 2P e 1P, respectivamente. Já as demais colunas, da esquerda para a direita, mostram os alvos de 3P, 2P e 1P, respectivamente. De modo a mostrar os pareamentos possíveis, Béjar (2008) utiliza os símbolos de “igual ou contido” (\subseteq) e “igual ou contém” (\supseteq). Os pareamentos possíveis serão aqueles em que a sonda (*P*, de *probe*) é igual ou apresenta um valor que está contido (\subseteq) nos valores disponíveis pelo alvo (*G*, de *goal*). Adotando a sequência *DP sujeito (alvo) – V (sonda)*, serão possíveis as seguintes combinações: 1P–1P; 1P–2P; 1P–3P; 2P–2P; 2P–3P; e 3P–3P. Por outro lado, serão mal formadas as sequências em que a sonda exclusivamente contém (\supseteq) o alvo: 2P–1P; 3P–1P; e 3P–2P.

Já em relação ao pareamento alvo-sonda (*goal-probe*) no que se refere ao traço de número, pode-se visualizar o quadro abaixo, ao qual se aplica o mesmo raciocínio do quadro anterior:

Probes	Goals	
	[ω]	[ω plural]
[<i>uω</i>]	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$	$P \subseteq G$
	agree succeeds	agree succeeds
[<i>uω u</i> plural]	$P \supseteq G$	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$
	agree fails	agree succeeds

Quadro 19: Possíveis pareamentos entre sonda e alvo considerando o traço de número (Success or failure of Agree with probe-goal pairs (number features). In: BÉJAR, 2008, p. 145).

Como se observa no quadro 19, as possibilidades combinatórias para o traço de número seguem as mesmas restrições vistas para o traço de pessoa. Assim, os traços da sonda (*P*) devem ser iguais ou subconjuntos dos traços contidos no alvo (*G*). Adotando a sequência *DP sujeito (alvo) – V (sonda)*, têm-se as seguintes possibilidades de concordância: PL–PL; PL–SG; e SG–SG. No caso do traço de número, a única sequência mal formada seria SG–PL.

Vejamos em que medida essa nova proposta seria capaz de explicar os padrões de concordância verbal encontrados com as formas de tratamento na história do português:

Padrão	Alvo	Sonda	AGREE pessoa	AGREE número
I. Tu + V 2SG	[π participant] [ω]	[$u\pi$ uparticipant] [$u\omega$]	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$
			agree succeeds	agree succeeds
II. Tu + V 3 SG	[π participant] [ω]	[$u\pi$] [$u\omega$]	$P \subseteq G$	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$
			agree succeeds	agree succeeds
III. Vós + V 2 PL	[π participant] [ω]	[$u\pi$ uparticipant] [$u\omega$ uplural]	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$	$P \supseteq G$
			agree succeeds	agree fails
IV. Vossa Mercê + V 3 SG	[π participant] [ω]	[$u\pi$] [$u\omega$]	$P \subseteq G$	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$
			agree succeeds	agree succeeds
V. Vossa Mercê + V 2 PL	[π participant] [ω]	[$u\pi$ uparticipant] [$u\omega$ uplural]	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$	$P \supseteq G$
			agree succeeds	agree fails
VI. Você + V 3 SG	[π participant] [ω]	[$u\pi$] [$u\omega$]	$P \subseteq G$	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$
			agree succeeds	agree succeeds
VII. Você + V 2 SG	[π participant] [ω]	[$u\pi$ uparticipant] [$u\omega$]	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$
			agree succeeds	agree succeeds

Quadro 20: Padrões de concordância verbal e atuação dos traços-phi de acordo com Béjar (2008).

Pode-se observar, no quadro 20, que os padrões que apresentam concordância com verbos na 2 SG e na 3 SG (padrões I, II, IV, VI e VII) podem ser explicados por essa proposta: nos padrões na 2 SG, há total pareamento dos traços de pessoa e número do alvo e da sonda ($P \subseteq G$ e $P \supseteq G$); já nos padrões com verbos na 3 SG, no que se refere ao traço de número, a identidade é mantida ($P \subseteq G$ e $P \supseteq G$), ao passo que o traço de pessoa da sonda está contido nos traços disponíveis no alvo ($P \subseteq G$).

No entanto, a nova proposta segue sem conseguir capturar formalmente o padrão V (*Vossa Mercê* + V 2 PL), no que se refere ao traço de número, e tal limitação será estendida ao padrão III (*Vós* + V 2 PL). Nesses dois casos, o traço de número singular do alvo ([ω]) não poderia ser menos especificado que o traço plural da sonda ([$u\omega$ uplural]), razão pela qual essa operação de concordância não seria possível.

Em síntese, a proposta de Béjar (2008) se mostra como mais econômica por duas razões principais: (i) os DPs pronominais apresentam somente uma sequência de traços-phi capaz de gerar distintos padrões de concordância; (ii) é possível capturar formalmente um maior número de padrões dentre os investigados. O problema que não seria contemplado se refere aos padrões com *Vós* e *Vossa Mercê* com verbos na 2 PL, em relação ao traço de número da sonda.

Semelhantemente ao que ocorre com a forma *Vossa Mercê*, a operação de concordância com o pronome *Vós* apresenta problemas no que se refere ao traço de número. Vale lembrar que tal forma pronominal é originalmente um pronome plural que era usado também para um interlocutor somente

quando indicava cortesia. Nesse caso, é preciso postular duas entradas lexicais distintas para *Vós*, uma vez que tal forma apresenta valores distintos para o traço de número e um sintagma não pode ter duas sequências de traços-phi distintas.

Até esse momento, as seguintes conclusões são possíveis: (i) *Vossa Mercê* (Padrão V) parece se comportar da mesma forma que o pronome de cortesia *Vós* (Padrão III); (ii) a ausência de pareamento de traços não se verifica no traço pessoa, mas sim no traço número; e (iii) a proposta de geometria de traços de Béjar (2008), no que se refere ao traço número, parece não capturar o comportamento do pronome de cortesia *Vós* e da forma *Vossa Mercê*.

De modo a resolver essa questão, consideremos a questão pragmática que subjaz as formas de tratamento no português. Vejamos como se distribuem os padrões de concordância verbal em função das noções pragmáticas de cortesia e intimidade. Recuperando as informações disponibilizadas no quadro 3, temos os seguintes padrões:

	Cortesia	Intimidade
Padrões de concordância verbal – traços de pessoa e número	2 PL	2 SG
	3 SG	3 SG

Quadro 21: Padrões de concordância verbal em função das noções pragmáticas de cortesia e intimidade: traços de pessoa e número

De acordo com o quadro 21, não há diferenças entre os planos de cortesia e intimidade no que se refere ao traço de pessoa, uma vez que em ambos a concordância verbal pode ser estabelecida com a 2P ou com a 3P: no campo da cortesia os padrões de concordância verbal encontrados são com verbos na 2 PL e 3 SG, ao passo que, no campo da intimidade, registram-se os padrões de 2 SG e 3 SG. Pela proposta de Béjar (2008), não haveria nenhum problema em relação ao traço de pessoa, uma vez que um pronome especificado para a 2P ($[\pi \text{ participant}]$) poderia se combinar com uma sonda tanto de 2P ($[\iota\pi \text{ uparticipant}]$) quanto de 3P ($[\iota\pi]$). A diferença entre os dois planos, como se vê, está no traço de número:

	Cortesia	Intimidade
Padrões de concordância verbal – traços de número	PL	
	SG	SG

Quadro 22: Padrões de concordância verbal em função das noções pragmáticas de cortesia e intimidade: traço de número

Diferentemente das formas de intimidade, em que somente o padrão de singular é produzido, as formas de cortesia permitem padrões tanto no plural quanto no singular. Nesse sentido, argumento, aqui, que as formas de cortesia devem apresentar alguma propriedade que permita que os dois padrões sejam gerados. Diferentemente de Duarte *et al* (2002), que defendem que a cortesia seria codificada gramaticalmente no traço de pessoa, trabalharei, em função dos padrões de concordância verbal encontrados, com a ideia de que a cortesia seria codificada no traço de número em um nível hierárquico mais especificado que o traço de plural, ao qual adoto o rótulo [hon], em que [hon] equivale a um traço *honorífico*:

HON	PL	SG
ω	ω	ω
plural	plural	
hon		

Quadro 23: Traços de número: proposta de ampliação.

Na proposta de Béjar (2008), proponho a seguinte alteração nas relações de acarretamento:

(24) Relações de acarretamento [hon] |= [plural] |= [ω]

Assim, tudo o que for especificado para [plural] será especificado, necessariamente, para [ω]; e tudo o que for especificado para [hon] também será especificado para [plural] e, conseqüentemente, para [ω].

Nesses termos, os sintagmas pronominais de cortesia e intimidade adquirem as seguintes composicionalidades:

Formas de tratamento de 2 SG			
Cortesia		Intimidade	
pessoa	número	Pessoa	número
π	ω	π	ω
participant	plural	participant	
	hon		

Quadro 24: Composicionalidade das formas de tratamento de cortesia e intimidade no português.

Como se vê, a diferença entre as formas de cortesia e intimidade é uma diferença de natureza pragmática que apresenta consequências gramaticais para os padrões de concordância verbal. Tal diferença passa a ser alocada no traço de número, para o qual uma nova categoria – [hon] – é postulada.

A partir dessa proposta, os padrões com a 2 PL poderiam ser explicados no que se refere ao traço de número:

Padrão	Alvo	Sonda	AGREE pessoa	AGREE número
III. Vós + V 2 PL	[π participant]	[$u\pi$] uparticipant]	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$	$P \subseteq G$
V. Vossa Mercê + V 2 PL	[ω plural hon]	[$u\omega$ uplural]	agree succeeds	agree succeeds

Quadro 25: Processos de concordância com as formas Vós e Vossa Mercê a partir da nova proposta de composicionalidade de traços.

A nova composicionalidade das formas de tratamento de cortesia permite que, no que se refere ao traço de número nos padrões III e V, os traços da sonda ([$u\pi$ uparticipant] [$u\omega$ uplural]) estejam contidos nos traços apresentados pelo alvo ([π participant] [ω plural hon]).

Esta proposta é uma primeira tentativa de capturar o comportamento de tais formas objetivando um modelo mais econômico de gramática, uma vez que apoia a ideia de uma única entrada lexical para os sintagmas pronominais que é capaz de gerar os distintos padrões de concordância verbal encontrados.

Voltando à questão da periodização do português mostrada inicialmente neste trabalho, proponho, aqui, um painel que considera as distintas gramáticas do português e a composicionalidade pronominal das formas de tratamento de 2P:

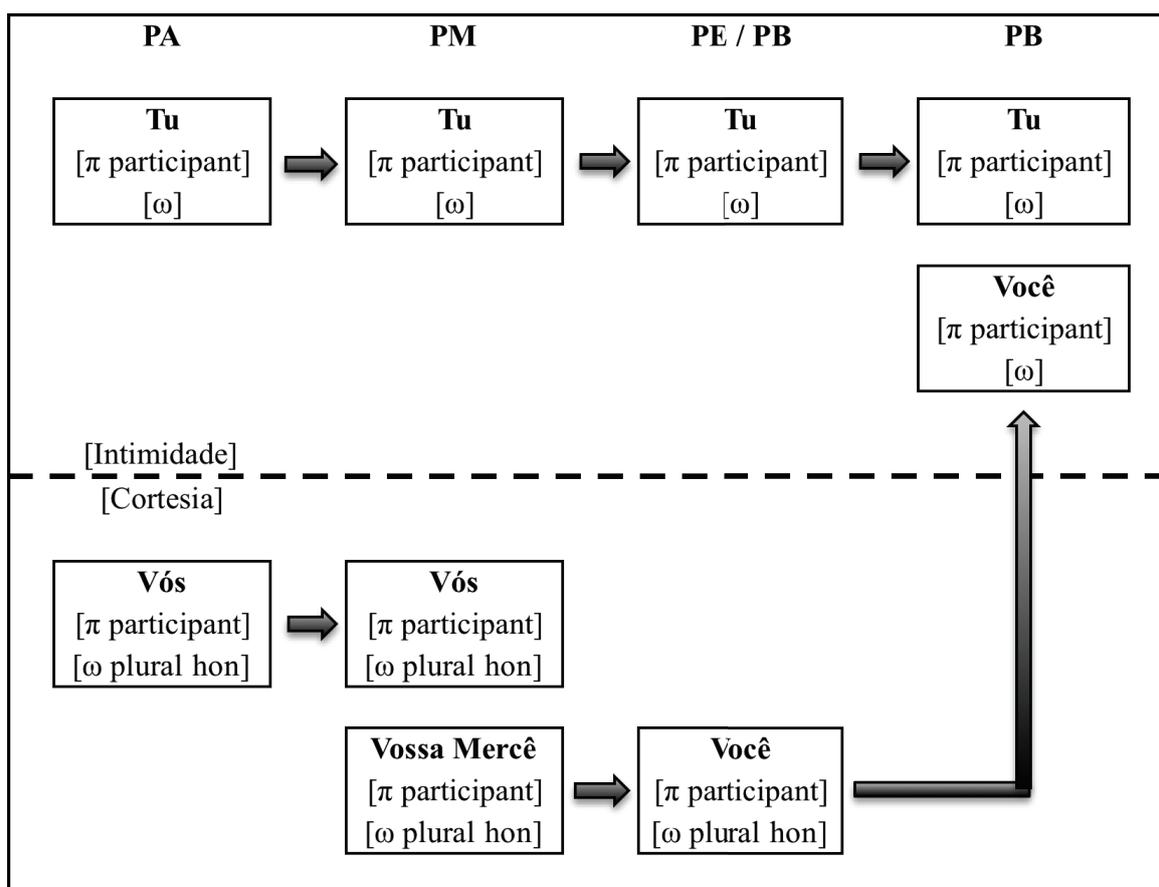


Figura 6: Formas de tratamento e composicionalidade pronominal em função da periodização do português.

De acordo com a figura 6, o português arcaico (PA) apresenta duas formas de tratamento diferenciadas pela carga pragmática que carregam: *Tu* ([π participant] [ω]), no campo da intimidade, e *Vós* ([π participant] [ω plural hon]) no plano da cortesia. Como mostrado anteriormente, em função dos padrões de concordância verbal encontrados com as formas de cortesia, tais formas se diferenciarão das formas de intimidade no que se refere ao traço de número, já que apresentarão uma especificação para o traço [hon], sinalizador de cortesia, que permitirá sondas tanto no plural quanto no singular.

O português médio (PM) mantém as duas formas do período anterior e apresenta, ainda, uma nova forma no campo da cortesia: *Vossa Mercê* ([π participant] [ω plural hon]). É interessante observar que essa nova forma e a forma *Vós* de cortesia apresentarão a mesma composicionalidade.

O português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) apresentam, para o plano da intimidade, o pronome *Tu*. Além disso, essas gramáticas também contam com a forma *Você*. Por considerar que *Você* é, nos primeiros estágios, uma forma que contrasta pragmaticamente com *Tu*, como uma continuação da forma de cortesia *Vossa Mercê*, torna-se preferível manter, para *Você*, a mesma composicionalidade pronominal de uma forma de cortesia.

Por fim, no português brasileiro (PB), diferentemente do PE em que *Você* e *Tu* podem ser contrastados pragmaticamente, a forma *Você* parece ter migrado do campo da cortesia e hoje se comporta, no campo da intimidade, como um pronome pessoal com a mesma composicionalidade pronominal de *Tu*: [π participant] [ω]. É exatamente essa configuração idêntica de *Tu* e *Você* que permite que tais formas coexistam e disputem espaço hoje no PB, como mostram diversos trabalhos, como o de Lopes e Cavalcante (2011), por exemplo.

A proposta anteriormente mostrada, baseada em Béjar (2008), apresenta, no entanto, uma questão que merece atenção: se a sintaxe trabalha somente com traços, como garantir uma distinção, ao menos no nível morfo-fonológico, das formas pronominais de tratamento que apresentam a mesma composicionalidade pronominal? Uma mesma gramática – como por exemplo a gramática do PM, que apresenta duas formas de cortesia (*Vós* e *Vossa Mercê*), ou a gramática do PB, que apresenta duas formas de intimidade (*Tu* e *Você*) – geraria duas formas com a mesma composicionalidade pronominal?

Partindo do princípio de que uma mesma gramática não gera formas em competição (KROCH, 1989), argumento que uma mesma gramática só geraria uma forma de intimidade e uma de cortesia, já que tais formas apresentam composicionalidades pronominais distintas. Se, em um determinado estágio, como no PM ou no PB, duas formas com a mesma composicionalidade são produzidas, tais formas serão frutos de gramáticas distintas que estão em competição no período. A sequência de gramáticas ao longo da história do português poderia ser assim definida:

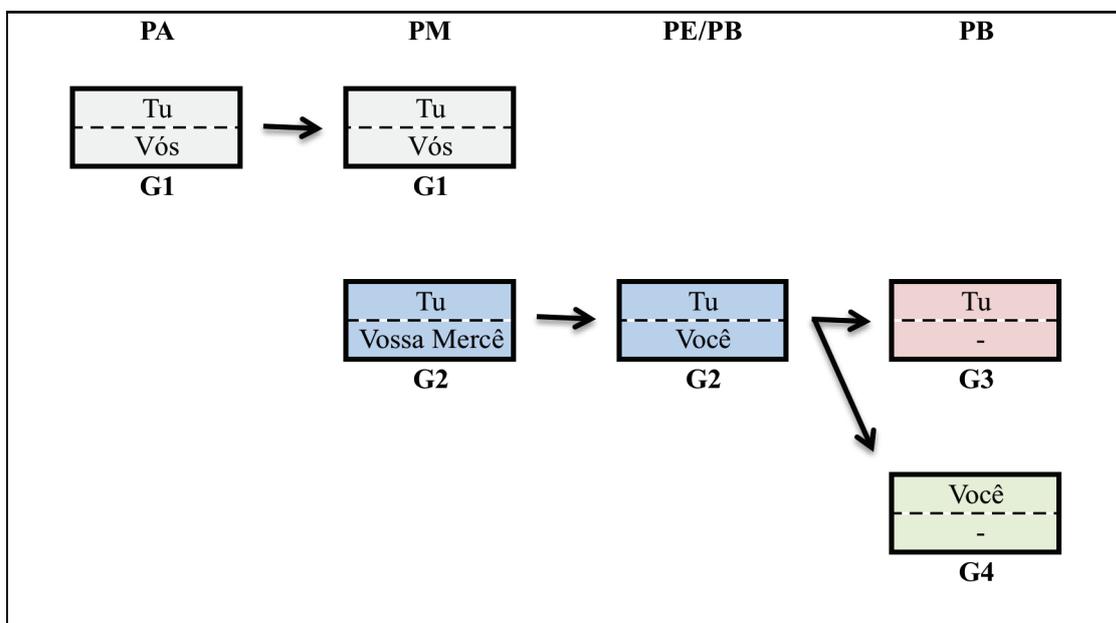


Figura 7: Gramáticas em competição na história do português.

No português arcaico, observamos somente a atuação de uma única gramática (G1), que apresenta a forma *Tu* como estratégia de intimidade e *Vós* como pronome de cortesia. No português médio, a G1 passa a coexistir e competir com uma segunda gramática (G2) que se diferencia da G1 no que se refere ao pronome do campo da cortesia: *Vossa Mercê* em lugar de *Vós*. Dessa competição, a G2 será a gramática a se firmar no período posterior, ainda que se observe a redução fonética *Vossa Mercê* > *Você*. No português brasileiro, temos novamente outro período de competição de gramáticas. A G2 do período anterior dá origem a duas gramáticas diferentes: G3, que gera o pronome de intimidade *Tu*; e G4, que gera, para a mesma categoria pragmática da intimidade, o pronome *Você*. É interessante observar que em G3 e G4 as células para o campo da cortesia não são mais preenchidas por formas pronominais. O campo da cortesia, ao menos no PB, seria atualmente representado por sintagmas nominais como *O senhor* e *A senhora*.

Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi demonstrar que os distintos padrões de concordância verbal encontrados com as formas de tratamento de 2P na história do português podem ser correlacionados às distintas composicionalidades pronominais de tais formas, que são sensíveis a fatores de natureza pragmática.

Após a testagem de algumas propostas sobre a composicionalidade pronominal, argumentei que a proposta elaborada por Béjar (2008) parece ser a que melhor captura formalmente os padrões de concordância verbal encontrados. Para tanto, propus um ajuste na referida proposta, já que a codificação do traço pragmático de cortesia parece ter, em função dos dados, uma correlação com o traço de número e não com o traço de pessoa, como propõem inicialmente Duarte *et al* (2002).

Assim, pronomes de intimidade ($[\pi \text{ participant}] [\omega]$) e pronomes de cortesia ($[\pi \text{ participant}] [\omega \text{ plural hon}]$) passam a ter configurações distintas, no que se refere ao traço de número, e essas composicionalidades seriam capazes de gerar todos os padrões encontrados. Tais formas seriam agrupadas em distintas gramáticas que coexistem e competem na história do português. Em outras palavras, uma mesma gramática poderia gerar formas com distintas composicionalidades, como uma forma de tratamento cortês e outra de intimidade, mas, seguindo Kroch (1989), não seria capaz de gerar estruturas em competição, razão pela qual é possível observar, ao menos no PM e no PB, casos de atuação de gramáticas distintas que coexistem e competem em determinado período histórico.

Artigo recebido: 31/08/2013

Artigo aceito: 20/12/2013

Referências

- ABNEY, Steven. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Tese (Doutoramento em Linguística) – MIT, 1987.
- BÉJAR, Susana. “Conditions on Phi-Agree”. In: HARBOUR, Daniel; ADGER, David e BÉJAR, Susana (orgs.). *Phi Theory. Phi Features across Modules and Interfaces*. New York: Oxford University Press, 2008, pp. 130-154.
- BÉJAR, Susana. *Phi-syntax: A theory of agreement*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Toronto, 2003.
- CHOMSKY, Noam. “Minimalist Inquiries: the framework”. In: MARTIN, R.; MICHAEL, D. e URIAGEREKA, J. (eds.). *Step by Step: Essays in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000, pp. 89-155.
- CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York / London: Praeger, 1986.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.
- COSTA, João e PEREIRA, Sandra. “A gente’: revisitando o estatuto pronominal e a concordância”. In: SEDRINS, A. P. (org.). *Por amor à Linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Denilda Moura*. Maceió: EDUFAL, 2012, pp. 101-119.
- COSTA, João; MOURA, Denilda e PEREIRA, Sandra. “Concordância com ‘a gente’: um problema para a teoria de verificação de traços”. *Atas do XVI Encontro Nacional da APL*, pp. 637-657, 2001.
- COSTA, João; MOURA, Denilda e PEREIRA, Sandra. “Concordância com *a gente*: um problema para a teoria de verificação de traços”. *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*, 2000.
- DUARTE, Inês; FREITAS, Maria João; GONÇALVES, Anabela; MIGUEL, Matilde; e RODRIGUES, Celeste. *Geometria de traços e distribuição de pronomes sujeito em PE e em PB*. Comunicação apresentada ao 3.º Workshop do Projeto PE-PB, 2002.
- FARACO, Carlos Alberto. “O tratamento você em português: uma abordagem histórica”. *Fragmenta* 13, pp. 51-82, 1996.
- GALVES, Charlotte; NAMIUTI, Cristiane e PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. “Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa”. In: ENDRUSCHAT, Annette; KEMMLER, Rolf; SCHAFFER-PRIE, Barbara. (orgs.). *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2005, pp. 45-75.

HARLEY, Heidi e RITTER, Elizabeth. “Person and number in pronouns: a feature-geometric analysis”. *Language* 78, pp. 482 – 526, 2002.

KROCH, Anthony. “Reflexes of grammar in patterns of language change”. *Language, Variation and Change* 1, pp. 199-244, 1989.

LOPES, Célia Regina dos Santos. A inserção de *a gente* no quadro pronominal do português: percurso histórico. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

LOPES, Célia Regina dos Santos e CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. “A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te”. *Revista Lingüística* 25, pp. 30 – 65, 2011.

LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira e MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *Variation and Change of 2nd person pronouns in Brazilian Portuguese: the convergence of social and syntactic factors*. Comunicação apresentada no NWA 40, Georgetown University, 2011.

LOPES, Célia Regina dos Santos e RUMEU, Márcia Cristina de Brito. “O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação de traços intrínsecos”. In: CASTILHO, Ataliba; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; LOPES, R. E. V. e CYRINO, S. M. L. (orgs.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. vol. 1. São Paulo/Campinas: FAPESP/Pontes, 2007, pp. 419-436.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *Mudanças no paradigma verbo-pronominal da 2ª pessoa do singular na história do português*. Comunicação apresentada no VIII Congresso da ABRALIN, 2013.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *Vossa Mercê bem sabe de onde viestes: um caso de gramaticalização na história do português*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *Língua e História. O 2º marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas da escrita no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Itaca, 2010.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz e LOPES, Célia Regina dos Santos. *Sintaxe e Pragmática das Formas de Tratamento no Português: a questão da concordância verbal*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ – CiFale, 2013.

PEREIRA, Sandra. *Gramática comparada de a gente: variação no Português Europeu*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, 2003.

ROORYCK, Johan. *On two types of underspecification: Towards a feature theory shared by syntax and phonology*. *Probus* 6, 1994, pp. 207-233.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.